

# Bolsonarismo e o fascismo na Era Digital

## *Bolsonarism and Fascism in the Digital Age*

*Augusto Jobim do Amaral<sup>1</sup>*

*Felipe Lazzari da Silveira<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar o fenômeno denominado de Bolsonarismo e sua aproximação com o ideário fascista, bem como problematizar sua relação com as tecnologias algorítmicas online,

- 
- 1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Altos Estudos Contemporâneos (Ciência Política, História das Ideias e Estudos Internacionais Comparativos) pela Universidade de Coimbra (Portugal); Doutor, Mestre e Especialista em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente é Professor Visitante na Universidad de Sevilla/ESP, financiado pelo Programa de Internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES - PUCRS/PrInt).
  - 2 Pós-doutor em Filosofia Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); Doutor e Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); Pós-graduado em Derechos Fundamentales y Garantías Constitucionales en el Derecho Penal y Procesal Penal pela Universidad de Castilla-La Mancha (UCLM-Espanha).

esforço que será procedido mediante revisão de bibliografia relacionada ao tema e também através da análise de discurso focada em três importantes manifestações públicas de seu líder, o político de extrema direita, hoje Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.

**Palavras-Chave:** Bolsonarismo; Fascismo; Extrema Direita; Algoritmos.

**ABSTRACT:** This article proposes an analysis of the phenomenon denominated Bolsonarism and your connection to fascist ideas, as well as a problematization of their relationship with online algorithmic technologies, paper that will be carried out by reviewing the literature related to the topic, and also through discourse analysis focused on three important public manifestations of its leader, the far right politician, now President of Brazil, Jair Messias Bolsonaro.

**Keywords:** Bolsonarism; Fascism; Far Right; Algorithms.

## Introdução

Ao contrário do que muitos apregoam – no sentido de que a sociedade brasileira enfrenta simplesmente um momento de acirrada polarização política –, o presente artigo parte do pressuposto de que o quadro atual é bem mais complexo, visto que marcado por um processo de intensificação das dinâmicas fascistas, para além da sua problematização histórica.

As particularidades da conjuntura atual evidenciam que as disputas de poder nos campos político e social não vêm sendo travadas por correntes ideológicas antagônicas que operam de acordo com os valores democráticos. O que se

verifica agora é que, de um lado, temos um conjunto bastante heterogêneo, composto por diversos grupos caracterizados por ideologias e interesses divergentes, que tenta resgatar alguma “normalidade” na desde sempre fragilizada democracia brasileira, e, de outro, um grupo de extrema direita liderado pelo Presidente da República que insiste em intensificar o avanço do fascismo.

A história demonstra não ser acertado, tampouco inteligente e seguro, abrir margem para o fortalecimento de uma via que, apesar das maquiagens discursivas, na realidade, opera alicerçada em um prisma antidemocrático e intolerante que se traduz no nacionalismo populista, no militarismo, na xenofobia, no racismo, no machismo, assim como no ódio à política e às divergências ideológicas, culturais e de costumes (Cf. GENTILE, DE FELICE, 1988; ZUNINO, 2013). No entanto, frente ao agravamento de alguns problemas históricos no início deste século, foi justamente essa a opção representativa encontrada pela sociedade brasileira, a qual materializou-se no bolsonarismo e na conseqüente chegada de seu líder máximo ao poder.

Exposta tal problemática, e diante de tudo o que temos observado cotidianamente (situações que sem dúvidas foram realçados por ocasião da pandemia de Covid-19), a presente reflexão tem como fundamental hipótese que o bolsonarismo é um movimento que tem no fascismo seu registro fundamental. Intimamente conectada, a segunda hipótese que guia este escrito é a de que Bolsonaro conseguiu tornar-se o representante máximo de um movimento tão exótico utilizando a força antissistêmica no momento propício, sobretudo, porque foi hábil em utilizar as tecnologias algorítmicas para difundir sua propaganda e angariar o apoio de uma massa de ressentidos e inconformados, artimanha nada nova, a qual já havia beneficiado outros políticos do mesmo estilo em outros países (Cf. DA EMPOLI, 2020).

Para corroborar tais hipóteses, como objetivos, buscar-se-á demonstrar que o fascismo não se restringe a um acontecimento histórico determinado; que o ideário que move o bolsonarismo ostenta traços fascistas; e que o fascismo se intensificou no plano político-governamental no Brasil, chegando ao cargo mais elevado da República, porque encontrou ressonância na pessoa de Bolsonaro, que foi muito hábil em canalizá-lo e explorá-lo por meio das tecnologias algorítmicas; esforços que serão procedidos mediante pesquisa bibliográfica e pela análise de algumas manifestações públicas do próprio “Mito”.

Decidimos analisar alguns discursos de Bolsonaro pelo fato de que eles revelam e sintetizam as idéias de essência fascista que se radicalizaram no seio social e que caracterizam as pautas e demandas do bolsonarismo. Mesmo sendo utilizada de modo perfunctório, visto que o formato do presente trabalho impõe limitações de espaço, entendemos que a metodologia da análise de discurso contribuirá para a demonstração da hipótese que norteia o presente escrito porque viabilizará a identificação de pontos de conexão entre o bolsonarismo e o fascismo que extrapola dos marcos históricos. Além disso, ela auxiliará também a demonstrar que o discurso de Bolsonaro coaduna com o do bolsonarismo (que, na realidade, é o movimento de extrema direita que adquiriu contornos mais definidos e coesão a partir do golpe de 2016, do qual o “Mito” tornou-se representante, cedendo-lhe, inclusive, seu nome). Neste ponto, deve-se destacar que a linguagem não é simplesmente um código, e que tampouco ela opera separando emissor e receptor, já que é um dispositivo que, não apenas permite a comunicação, mas coloca os sujeitos em relação e serve também para criar e reforçar subjetividades. Partindo dessa premissa, a análise de discurso, diante de seu potencial de superar os formalismos herméticos da linguagem, promovendo o desvelamento dos

sentidos e significantes - inclusive os de natureza ideológica - opacos ou escondidos nos enunciados (Cf. ORLANDI, 2005; PÊCHEUX, 1988, 2011; BRASIL, 2011), certamente facilitará a identificação das ideias de matriz fascista expressas nas falas de Bolsonaro, bem como a constatação de que essas ideias são as mesmas que sustentam o bolsonarismo, que se fortaleceu, principalmente, através das redes sociais e aplicativos de comunicação instantânea.

Nesse diapasão, observa-se que as manifestações dos bolsonaristas na *web* replicam o que diz Bolsonaro. Reside aí a importância de analisar, mesmo que brevemente, alguns de seus discursos. Oportuno esclarecer que, frente a impossibilidade de analisar uma amostra maior de falas de Bolsonaro, visto que essa tarefa poderia ser cumprida somente em um trabalho de maior fôlego, optamos por selecionar três discursos levando em consideração tanto a qualidade de seus conteúdos (clareza na exposição de ideias de essência fascista) quanto os momentos em que foram proferidas (o primeiro enquanto deputado do “baixo clero”; o segundo enquanto candidato à Presidência; e o último depois de eleito Presidente – discurso de posse), os quais julgamos ser capazes de permitir o exame da aproximação das falas tipicamente fascistas com o arcabouço ideológico que alicerça o Bolsonarismo, sobretudo com as retóricas típicas da extrema direita tupiniquim que foram mobilizadas nos últimos anos por meio das tecnologias algorítmicas, visando instigar seus correligionários.

Por derradeiro, cumpre-nos esclarecer que a investigação proposta, assim como as reflexões e conclusões proporcionadas por ela, que, evidentemente, não teve a pretensão de esgotar o tema, estão relatadas nas três seções a seguir, nas quais serão problematizados, respectivamente, o fascismo desvinculado de sua dimensão histórica, a essência fascista

do bolsonarismo, e os meandros da disseminação das idéias tipicamente fascistas na internet.

## Para além do fascismo histórico

A expressão “fascismo” foi criada por Benito Mussolini em 1918 para nomear sua agremiação política. Para tanto, ele utilizou como base a palavra “*fascio*” (que se referia a um símbolo do Império Romano, uma espécie de machado cujo cabo era formado por diversas varas de madeira entrelaçadas) que, na época, era utilizada para definir pequenos grupos políticos nacionalistas caracterizados pelos fortes laços de solidariedade entre seus membros (MANN, 2008, p. 131).

Obviamente, o termo ficou conhecido por denominar o movimento político de massas que, depois de se tornar um partido político (Partido Nacional Fascista – PNF), chegou ao poder pela via democrática e estabeleceu um regime autoritário de pretensões totalitárias<sup>3</sup>. Além de subjugar a Itália, o Fascismo italiano influenciou diversos regimes ao redor do mundo. Diante disso, Robert Owen Paxton tem razão quando define o fascismo histórico como um “sistema de pensamento subordinado a um projeto de transformação do mundo”, e como a maior “inovação política” do século XX (PAXTON, 2007, pp. 13-46).

Em síntese, “fascismo” é, antes de tudo, uma palavra que acabou definindo o regime de Mussolini, suas características estéticas e tudo o que sua ideologia sincrética de extrema direita representava, isto é, o nacionalismo extremo,

---

3 É oportuno esclarecer que o regime Fascista, apesar das pretensões, não foi um regime totalitário, tendo em vista que foi marcado por contradições ideológicas e filosóficas, correspondendo à heterogeneidade cultural da sociedade italiana, e também não conseguiu dominar totalmente todas as instituições e setores sociais (ECO, 2017, p. 25).

a xenofobia, o racismo, o machismo, a aversão ao debate democrático, o ódio ao comunismo e à política. Não por acaso, mesmo após o fim da Segunda Guerra Mundial, ela seguiu sendo utilizada - ou servindo de radical para outros termos, como, por exemplo, neofascismo, protofascismo etc. - para fazer referência aos movimentos e comportamentos isolados que fossem produzir elementos do ideário que guiou o fascismo histórico (cf. VERCELLI, 2018), quase sempre estimulando a ilusão de que ele pudesse regressar nos velhos moldes. Provavelmente, isso não irá ocorrer, pois o fascismo histórico, seus símbolos e liturgias, foram muito vinculados à conjuntura e à cultura da época (cf. MILZA; BERSTEIN, 2009; MARIÁTEGUI, 2010; DE FELICE, 2012). Todavia, é cristalino que os elementos sistematizados pelo *Duce* foram precedidos e extrapolaram os marcos históricos de seu movimento-regime. É por isso que, como bem apontou Umberto Eco (2017), o fascismo é eterno.

Antes de avançar na análise da perspectiva que coloca o fascismo na condição de uma forma de vida, de um desejo produzido socialmente pelo agenciamento dos afetos negativos gerados pelo tipo de existência imposta pelo capitalismo, necessário atentar que o fascismo foi e ainda é interpretado de maneiras muito diversas (Cf. TARQUINI, 2016). A variedade de interpretações deve ser encarada com normalidade, uma vez que, além das particularidades ideológicas que influenciaram os trabalhos dos estudiosos, o fascismo possui múltiplos aspectos que o tornam quase anfigúrico, difícil de ser compreendido plenamente, principalmente desde um único recorte. Porém, quando analisadas em conjunto, as interpretações mais consistentes complementam-se e possibilitam uma observação privilegiada do fenômeno.

Entre elas, merece destaque o clássico trabalho de Wilhelm Reich (1974) que, ainda na década de 1930, tratou do

fascismo como um fenômeno psicológico complexo, resultante do mal-estar provocado pelas dissonâncias do modo de vida capitalista. De acordo com o teórico da Escola de Frankfurt, as massas não teriam sido enganadas, mas desejado o fascismo por muitos motivos, dentre eles, a competência dos líderes do movimento-regime em manipular os sofrimentos, angústias e temores que assolavam a população na época (Cf. REICH, 1974).

A percepção de Reich não foi isolada. Outros estudiosos de seu tempo identificaram o mal-estar gerado pelo capitalismo e sua relação com o fascismo. Herbert Marcuse (1999b), por exemplo, indicou que o regime fascista não promoveu nenhuma ruptura nas relações básicas do processo produtivo e viabilizou a manutenção da superioridade econômica das elites (fascistizadas e/ou interessadas na manutenção de seus lucros) que controlavam o mercado. Além disso, evidenciou o papel desempenhado pelas tecnologias de massa (de produção, de consumo, de comunicação etc.), imprescindíveis no processo de desenvolvimento capitalista, para a padronização dos indivíduos e a aniquilação das individualidades (MARCUSE, 1999b, pp. 108-109), e para o estabelecimento de um tipo de disciplina que teria sido fundamental para o surgimento e o fortalecimento do fascismo (MARCUSE, 1999a, pp. 93-99).

Na explicação de Marcuse (1999a, pp. 74-78, pp. 82-89 e p.100), o fascismo nasceu dentro da cultura de massas capitalista, na qual as velhas individualidades já haviam sido minadas pelas novas tecnologias de produção e consumo. Por essa ótica, a racionalidade fascista coadunava perfeitamente com o cenário criado pelas novas tecnologias a serviço do capital pelo fato de que elas também operavam mediante a submissão e se harmonizavam facilmente com as crenças que serviam de lastro para o nacionalismo. Em resumo, a

consolidação do capitalismo industrial, de suas técnicas e do modo de vida que o caracterizava, por ter promovido o fim da individualidade, gerando novos padrões de sociabilidade e impondo sofrimentos das mais diversas ordens, teria criado condições favoráveis para o fortalecimento de um nacionalismo acrítico exacerbado e o surgimento do fascismo (MARCUSE, 1999a, p. 97).

Os esforços desses pensadores são importantes porque permitiram pensar o fascismo para além dos movimentos e regimes políticos surgidos na Itália e em outros cantos da Europa no primeiro quarto do século XX. Foi partindo da observação de Reich, de que as massas teriam desejado o fascismo, que Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) desenvolveram sua abordagem sobre o fascismo, a qual forneceu subsídios imensamente relevantes para a compreensão do fenômeno em sua complexidade e até mesmo da sua amplificação no contexto atual. Os pensadores franceses suplantaram as definições que colocavam o fascismo na condição de uma simples ideologia política autoritária imposta em um determinado momento histórico. Entretanto, diferentemente de Reich, que compreendia o desejo pelo fascismo como sendo fruto de uma operação intrapsíquica negativa vinculada ao sadismo e/ou às inibições sexuais, Deleuze e Guattari (2011) afirmaram o caráter “positivo” desse desejo, esclarecendo que ele é socialmente produzido.

Na visão deleuze-guattariana, o fascismo não é considerado simplesmente um reflexo de uma ideologia, da alienação ou das repressões intermediadas pela família, nos termos da tríade edipiana de Freud. Ele é considerado um desejo produzido no plano psíquico através do agenciamento dos afetos resultantes do modo de vida típico das democracias liberais capitalistas. Ao mesmo tempo em que produz as subjetividades necessárias à produção e ao lucro, o

capitalismo, em razão dos problemas e conflitos que impõe, aguça inseguranças, medos, ódios e ressentimentos passíveis de serem explorados e pervertidos em desejo pelo fascismo (DELEUZE; GUATTARI, 2011, pp. 46-47 e pp.141-142).

É curial mencionar que, para Deleuze e Guattari, as sociedades e os indivíduos são transpassados simultaneamente por duas segmentaridades que estão sempre relacionadas: uma molar, que é binária, homogeneizante e simbolizada por referências mais rígidas, na qual se encontram os objetos e os discursos que representam a realidade, e outra molecular, caracterizada pela flexibilidade e pela fluidez, que diz respeito à esfera dos sentimentos, do invisível, das intensidades, da produção dos desejos. E como “tudo é político”, tais segmentaridades são lastreadas pelo político em dois níveis que são irrepartíveis, o macropolítico e o micropolítico. No primeiro, operam as políticas do aparelho de Estado enquanto, no segundo, dão-se as micropolíticas dos afetos. De acordo Deleuze e Guattari (2012, pp. 99-101), é no nível micropolítico que serão moldadas as percepções e os comportamentos (atitudes, posturas etc.), e nele que será produzido o desejo pelo fascismo. Em suma, é por essa potência micropolítica-molecular que o fascismo romperá os limites históricos (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 102).

A teoria de Deleuze e Guattari foi perfeitamente sintetizada por Michel Foucault (1983) no prefácio da edição norte-americana de “O Anti-Édipo”, de 1977. Esclarecendo a perspectiva de que o fascismo é um traço constitutivo do modo de vida que caracteriza as democracias capitalistas, ou seja, uma forma de vida, o pensador apontou que o fascismo não se resume aos regimes autoritários de pretensões totalitárias do passado, pois se situa no nível das condutas, dos espíritos, da vida cotidiana, agindo como uma força “que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora” (FOUCAULT, 1983, pp. xi – xiv).

Com base no que foi exposto, possível inferir que, por ter como combustível as agruras do modo de vida capitalista, o fascismo, além de transbordar dos limites históricos, encontra na conjuntura atual, marcada pela consolidação do neoliberalismo, uma superfície de instalação propícia para florescer e se intensificar, dinâmica esta que, no Brasil, é claramente identificável no caso do bolsonarismo.

## O fascismo do bolsonarismo

“Bolsonarismo”, de modo geral, é o conceito utilizado para definir o movimento de extrema direita populista surgido em 2018 ao longo da campanha eleitoral de Bolsonaro, que teve como base os setores e grupos que apoiaram o golpe contra a Presidenta Dilma Rousseff em 2016 (Cf. PINHEIRO-MACHADO; FREIXO, 2019; NICOLAU, 2020). De modo sintético, neste movimento, pode-se perceber a amálgama de elementos ideológicos da direita tradicional brasileira e das novas direitas fascistóides que ganharam força no cenário internacional a partir da segunda década deste século, coligados como de costume com as artimanhas neoliberais. É por isso que, no ideário sincrético que move o bolsonarismo, o qual foi sistematizado e disseminado em grande medida pelo guru da nova extrema direita brasileira, o autodeclarado filósofo Olavo de Carvalho, encontrar-se-ão o nacionalismo, o conservadorismo, o militarismo, o elitismo, o racismo, o machismo, a xenofobia, o anticomunismo e também preceitos do ultraliberalismo de mercado (Cf. ROSA, 2019).

É preciso sublinhar que Bolsonaro não foi o criador deste movimento. Na verdade, Bolsonaro percorreu seu caminho até se tornar o maior expoente da extrema direita brasileira ao mesmo tempo em que o movimento que posteriormente receberia o nome de “bolsonarismo” se

desenvolvia, conduzido por inúmeros atores, como os líderes dos grupos Movimento Brasil Livre e Vem Pra Rua, empresários, influenciadores digitais e políticos liberais vinculados às direitas. No início, o objetivo principal desse movimento consistia em atacar o Partido dos Trabalhadores (PT), em especial, Lula e Dilma Rousseff, logicamente, visando a conduzir a direita novamente à vitória eleitoral. Deve-se reconhecer, ainda, que o movimento ganhou força e popularidade porque acabou sendo legitimado por alguns eventos paralelos, como a Operação Lava-Jato e a campanha midiática empreendida no seu entorno, eventos que também tiveram como propósito fragilizar o PT e as esquerdas (Cf. NICOLAU, 2020).

Sem muita margem de erro, ironicamente, pode-se dizer que Bolsonaro foi o “homem certo” na “hora certa”. Em um cenário marcado por uma grave crise econômica que se refletia nos elevados índices de desemprego, na diminuição da renda e no aumento da pobreza, e, por conseguinte, na intensificação das inseguranças, sofrimentos e ressentimentos dos mais diversos tipos, os interessados em tomar o poder precisavam apenas de um nome capaz de representar a inconformidade e de canalizá-la nas urnas, vencendo qualquer proposta de natureza socialista que pudesse surgir, já que Lula, que sempre teve uma enorme quantidade de votos e possivelmente concorreria ao pleito, estava inelegível por força de condenação proferida pelo, na época juiz, Sérgio Fernando Moro (que logo em seguida se tornaria Ministro de Bolsonaro). Enquanto as campanhas de ataque às esquerdas e de demonização da política intensificavam-se, a internet era tomada por vídeos, áudios e memes de Bolsonaro reclamando de uma suposta “ditadura do politicamente correto”, agredindo adversários, ameaçando minorias e todos que não compactuavam consigo (taxados de “comunistas” e/ou “inimigos da pátria” (Cf. BRUM, 2019; MELLO, 2020). Naquele

mesmo período, programas televisivos sensacionalistas, buscando garantir audiência, cediam espaço em entrevistas e quadros para Bolsonaro destilar bizarramente o seu fascismo e agredir a democracia (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, pp. 152 e ss.). Essa visibilidade tornou-o cada vez mais popular e permitiu que ele fosse alçado à condição de “mito”, como alguém que poderia fazer cessar o suposto caos gerado pelos governos do PT (NICOLAU, pp. 79 e ss.) – que, realmente, poderiam ter feito muito mais pelas classes populares, e por todos, se tivessem intensificado os esforços na direção da diminuição das desigualdades sociais e não dispensado tanta energia buscado incrementar a cidadania por meio do consumo, optando por políticas e medidas que viabilizaram a continuidade do projeto neoliberal (AMARAL, 2020, pp. 385 e ss.) Essa foi a dinâmica que tornou Bolsonaro símbolo e líder daquele movimento, e que viabilizou sua chegada à Presidência.

Neste ponto, é válido destacar a acertada afirmação de Eliane Brum (2019, p. 262) ao dizer que “Bolsonaro é a encarnação de um fenômeno muito maior do que ele, do qual ele sabe tirar o máximo de proveito”. Na interpretação da jornalista, as Jornadas de Junho de 2013, que reuniram demandas bastante heterogêneas, muitas que em seguida seriam instrumentalizadas em favor do antipetismo e depois cooptadas pelas novas extremas direitas, acabaram gerando um cenário favorável ao avanço dos autoritarismos (BRUM, 2019, pp. 78 e ss.).

Inegavelmente, além contar com o momento propício, Bolsonaro conseguiu se tornar o líder de um movimento que já existia – e que carecia de uma referência – porque soube tirar proveito do artifício do “pequeno grande homem” que, muito tempo antes, foi definido por Adorno (2015) como uma grande farsa que permite aos potencialmente fascistas vislumbrarem seu líder como um igual, como mais um

do povo e, ao mesmo tempo, como alguém predestinado. Destrinchando esse processo de identificação narcísica, o pensador afirmou que “a imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo a autoridade” (Adorno, 2015b, pp. 169-172).

Não é difícil enxergar o papel desempenhado pelo mito do “pequeno grande homem” no caso brasileiro como acertadamente vez mais destacou Brum. Bolsonaro acabou sendo reconhecido por seus seguidores como mais um brasileiro supostamente refém do politicamente correto, vítima dos direitos das mulheres e das minorias, impedido de exercer o direito à liberdade de expressão que, sob esse prisma, autorizaria manifestações de cunho racista, machistas ou LGBTQIA+fóbicas (BRUM, 2019, pp. 228 e ss.). O “Mito” foi reconhecido como alguém que lutaria contra um sistema que supostamente beneficiava apenas as elites e os esquerdistas, mesmo que, na realidade, ele fosse um “político profissional” de longa carreira e estivesse sendo bancado pelos setores economicamente mais abastados. Sem dúvidas, esse processo de liberação dos ressentimentos, dos ódios, de identificação com o líder, pela natureza das pautas envolvidas, gerou um caldo demasiadamente favorável para as manifestações do fascismo brasileiro. Nesse diapasão, conforme apontou Augusto Jobim do Amaral, “o pequeno fascista é liberto de qualquer receio diante da indignação transformada em ódio” (AMARAL, 2020, p. 380).

Dito isso, no que diz respeito ao objeto do presente escrito, é fundamental indagar se o bolsonarismo pode ser considerado um movimento de natureza fascista. Com fulcro na perspectiva deleuze-guattariana, como dito, que aproxima o fascismo de um traço constitutivo do modo de vida típico da democracia liberal capitalista, baseado no desejo de destruição do outro que é produzido socialmente

mediante o agenciamento dos afetos – que, dependendo das intensidade, manifesta-se no plano político estatal (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2011; 2012), temos como hipótese que, por força de seu ideário, o bolsonarismo tem no fascismo sua constituição.

Nessa direção é que se deve enfatizar a tese do “*Ur-Fascismo*” (Fascismo Eterno) de Umberto Eco, que igualmente deslocou-o dos limites históricos ao defini-lo como um fenômeno presente em todas as sociedades, cuja intensificação estaria condicionada à presença de uma ou mais características que lhes são típicas (Cf. ECO, 2017). A lição de Eco é extremamente pertinente porque apresenta precisamente os sinais do fascismo, evidenciando que o fenômeno não foi neutralizado pelas democracias do pós-Segunda Guerra. Para o filósofo italiano, as características do “*Ur-Fascismo*” seriam o culto da tradição, a recusa da modernidade, o culto da ação pela ação, a não aceitação do dissenso e dos que têm posições políticas e visões de mundo diferentes, o racismo, o apelo às frustrações das classes médias, a preocupação paranoica com supostos complôs, o nacionalismo xenófobo, a ideia de que a vida é uma guerra permanente e que o pacifismo com o inimigo é uma traição, o elitismo, o machismo, o populismo, e a utilização da “*novilíngua*”. Tais características – que podem formar o que Eco denominou de “*nebulosa fascista*” (ECO, 2017, pp. 32 e ss.) – são explícitas no bolsonarismo e indicam que este não é um simples movimento de direitas, mas um movimento antidemocrático fascistóide.

Há de se destacar que, mesmo não tendo sido criado, mas sim cooptado por Bolsonaro durante a campanha eleitoral em 2018, esse movimento replica também suas demandas que, irrefutavelmente, são da mesma ordem. Indubitavelmente, as novas extremas direitas têm lançado mão de

artifícios e retóricas que, em alguns casos, diferenciam suas narrativas das do fascismo histórico. Os fascistas da atualidade, pelo menos os mais sagazes e cínicos, por preferirem agir e se proteger sob a fachada democrática, não costumam, em geral, utilizar discursos que atacam nitidamente a democracia e seus princípios, mas preferem distorcê-los justamente para corroer a substancialidade democrática. Não é uma coincidência que os agitadores fascistas de hoje bradem pelas “liberdades”, em especial pela liberdade de expressão que, sob o prisma distorcido e antidemocrático compreendido por eles, autorizaria ataques aos valores da democracia e os discursos de ódio. Por essa ótica, todos deveriam ser livres para se manifestar como bem entendessem, independentemente das violências à população negra, indígena, imigrantes, LGBTQIA+ e/ou as próprias instituições democráticas.

O fascismo brasileiro, que se consubstancia no bolsonarismo, bem está representado nas manifestações do seu líder que foram selecionadas para serem analisadas neste trabalho de acordo com os critérios expostos na introdução. Por exemplo, o emblemático discurso que proferiu na Câmara dos Deputados em 17 de abril de 2016 na ocasião da votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, depois de bajular o Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, um dos mais importantes articuladores do golpe:

Perderam em 64. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim.

Apesar de breve, o discurso transcrito acima evidencia o fascismo que caracteriza o bolsonarismo. Ele denota não somente o apeço pelo autoritarismo de Estado, mas também

pela política dos “*nós versus eles*” (Cf. STANLEY, 2018), baseada no ódio ao dissenso e aos adversários políticos, sobretudo aos comunistas, socialistas e anarquistas (que recebem um rótulo de inimigo que pode ser estendido a qualquer opositor, mesmo os liberais). A referência a Ustra, um dos violadores de direitos humanos mais brutais da Ditadura Civil-Militar brasileira, que inclusive torturou Dilma Roussef, também é bastante simbólica, pois escancara que Bolsonaro é tributário do que há de pior no fascismo, isto é, da vontade de destruição de tudo e de todos que a ele se opõe (Cf. STANLEY, 2018). Com a frase que posteriormente se tornaria slogan de seu governo, ou seja, “Brasil acima de tudo”, sobretudo no contexto em que foi expressa, Bolsonaro demonstrou ainda o seu desprezo pelas individualidades, sentimento que não raras vezes segue alicerçando suas manifestações contrárias aos direitos individuais, em especial aos das minorias. Deve-se observar que slogans semelhantes foram utilizados no passado pelos fascismo e nazismo históricos em uma perspectiva semelhante, sob um prisma nacionalista doentio, que execrava qualquer indivíduo que não desejasse se adequar aos preceitos dos referidos regimes, e que sem dúvida sempre serviu para legitimar a perseguição dos rotulados como inimigos (Cf. MILZA; BERSTEIN, 2009).

Infundáveis são as comprovações. Todavia, ainda vale apontar o discurso proferido em 21 de outubro de 2018, uma semana antes do segundo turno das eleições. Na oportunidade, Bolsonaro discursou por telefone (sua fala foi transmitida por equipamentos de som montados em caminhões) para milhares de apoiadores ensandecidos que se encontravam reunidos na Avenida Paulista, em São Paulo:

Nós somos a maioria. Nós somos o Brasil de verdade. Junto com esse povo brasileiro construiremos uma nova nação. Não tem preço as imagens que vejo agora da Paulista e de todo o meu

querido Brasil. Perderam ontem, perderam em 2016 e vão perder a semana que vem de novo. Só que agora a faxina será muito mais ampla. Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão pra cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos da nossa pátria. Essa pátria é nossa. Não é dessa gangue que tem uma bandeira vermelha e tem a cabeça lavada. (...) Petralhada, vai tudo vocês para a ponta da praia. Vocês não terão mais vez em nossa pátria porque eu vou cortar todas as mordomias de vocês. Vocês não terão mais ONGS para saciar a fome de mortadela de vocês. Será uma limpeza nunca vista na história do Brasil. Vagabundos. Vai ter que trabalhar. (...) Vocês, petralhada, verão uma Polícia Civil e Militar com retaguarda jurídica para fazer a lei no lombo de vocês. (...) Bandidos do MST, bandidos do MTST, as ações de vocês serão tipificadas como terrorismo. Vocês não levarão mais o terror ao campo ou às cidades. Ou vocês se enquadram e se submetem às leis ou vão fazer companhia para o cachaceiro lá em Curitiba. (...) Nós ganhamos essa ganharemos essa guerra. (...) Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos. Valeu! Um abraço meu Brasil.

Se um ato político reunindo milhares de pessoas em uma das maiores avenidas do país, por si só, nada configura de fascista, quando se analisam as demandas e reações dos envolvidos, em especial as saudações incessantes a Bolsonaro chamando-o de “Mito”, tal episódio merece atenção.

Nesse discurso, a essência da política fascista do “nós *versus* eles” não apenas apareceu de forma genuína, como também foi apresentada na roupagem de projeto antidemocrático e sordidamente desumano. Em sua fala, Bolsonaro fez alusão à ideia de que a maioria tudo pode, sem a mínima necessidade de respeitar os interesses do restante da população, que teria a obrigação de se submeter às suas regras e vontades, mentalidade de base também no fascismo histórico e que, no contexto atual, é utilizada pelas novas extremas direitas na tentativa de legitimar um conservadorismo radical que visa a suprimir os direitos das minorias.

A desumanidade intrínseca ao fascismo restou explícita no modo como Bolsonaro prometeu tratar seus adversários. Além de mencionar que iria terminar com as supostas “mordomias” de seus adversários e também com as “ONGS” (organizações não governamentais), demonstrando sua intenção de subtrair direitos e recursos aos setores que lutam pelas ações afirmativas, o candidato asseverava que iria realizar uma “limpeza”, em outras palavras, eliminar seus opositores, exilando-os, prendendo-os ou até mesmo matando-os. A intenção de exterminar os membros das esquerdas e pessoas de orientação mais ao centro que prezam pela democracia, todos rotulados como criminosos e/ou inimigos da pátria, é concretizada na fala de Bolsonaro no ponto em que seus inimigos deveriam ser levados para a “ponta da praia”, numa referência à Restinga da Marambaia, no Rio de Janeiro, local que a ditadura executava e desaparecia presos políticos.

Além de criminalizar toda e qualquer oposição, Bolsonaro ainda referiu que iria utilizar o aparato policial contra os movimentos sociais, utilizando especialmente o exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), classificados como terroristas. Quando disse que todos veriam “uma Polícia Civil e Militar com retaguarda jurídica para fazer a lei no lombo de vocês”, sem dúvidas, até mesmo pelo que propôs posteriormente (p. ex., a excludente de ilicitude para policiais que matam em serviço), Bolsonaro estava prometendo que as forças de segurança teriam carta branca para conter membros de movimentos sociais em situação de protesto. A alegação no sentido de que iria “fazer valer a lei” também merece ênfase, visto que, certamente, Bolsonaro não estava se referindo às leis democráticas. Como está comprovado hoje, o “Mito” não tem o mínimo apreço pelos princípios da

democracia. Desse modo, considerando que tal afirmação foi feita no trecho do discurso em que ameaçava os movimentos sociais, parece-nos evidente que o único direito ao qual ele se referia era o direito de propriedade (que, historicamente, jamais esteve ameaçado no Brasil, exceto seu acesso à maioria miserável), logicamente, mandando um recado aos mais abastados financeiramente e aos estratos das classes médias que se percebem como ricos (muitos deles assustados pelas teorias da conspiração e pela suposta “ameaça comunista”, todas disseminadas através das tecnologias algorítmicas) na direção de que iria garantir que suas riquezas e bens não seriam ameaçados por políticas voltadas à distribuição de renda e à promoção da justiça social.

Nota-se, ainda, que o discurso de Bolsonaro foi encerrado mais uma vez com o termo “Brasil acima de tudo”. Além dos anteriores significados mencionados, trata-se de uma expressão referencialmente fascista, sobretudo por servir ao fortalecimento dos laços baseados no nacionalismo extremo e antidemocrático, matrizes de xenofobia e racismo. Constata-se, ainda, em termos de conteúdo, que o “Mito” não apresenta nenhum tipo de proposta política, pois prefere difundir ideias deste calibre e a incitar a violência contra seus adversários, postura que, em um contexto marcado pelo ressentimento e pela circulação de informações em alta velocidade, desperta a identificação e desejos de grande parte da população (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, pp. 179-197 e pp. 203-204).

Por último, não se poderia esquecer o discurso de posse como Presidente da República:

(...) Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo a corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submis-

são ideológica. Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir o nosso País e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas. Estou certo de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a nos seguir nesta tarefa gloriosa. Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País livre das amarras ideológicas. (...) Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. Por isso, quando os inimigos da Pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas. Uma campanha eleitoral transformou-se em um movimento cívico, cobriu-se de verde e amarelo, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui. (...) Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; (...) O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa. Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares. Contamos com o apoio do Congresso Nacional para dar o respaldo jurídico para os policiais realizarem seu trabalho. Eles merecem e devem ser respeitados! Nossas Forças Armadas terão as condições necessárias para cumprir sua missão constitucional de defesa da soberania, do território nacional e das instituições democráticas, mantendo suas capacidades dissuasórias para resguardar nossa soberania e proteger nossas fronteiras. Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou o Estado ineficiente e corrupto. Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional. Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência. Confiança no cumprimento de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados.

Realizaremos reformas estruturantes, que serão essenciais para a saúde financeira e sustentabilidade das contas públicas, transformando o cenário econômico e abrindo novas oportunidades. (...) Com a benção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos. Muito obrigado a todos vocês. Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!

Apesar de um aparente abrandamento com relação às manifestações de campanha, em seu discurso de posse, Bolsonaro não se arredou do substrato fascista. Ele seguiu fazendo uso da retórica nacionalista-populista, atacando com violência às esquerdas e a própria política democrática. O viés nacionalista-populista e o recurso ao artifício do “mito” angariavam, em tom messiânico, novamente a alegação de um predestinado, o escolhido pelo povo para realizar a “tarefa gloriosa” de “restaurar, reerguer” a pátria e unir a nação entorno dos valores da família e da tradição judaico-cristã. Mesmo que tenha tentado utilizar o discurso, de algum modo, para se mostrar como uma “terceira via”, procurando alguma simpatia com a base neoliberal que ajudou a se eleger, Bolsonaro comprovou ser um político de extrema direita imbuído de ideias extremamente antidemocráticas.

Além de reproduzir elementos tipicamente fascistas que também estiveram presentes nos discursos de campanha, como o nacionalismo autoritário, o ódio ao dissenso político e às esquerdas, o machismo, a homofobia, o militarismo, Bolsonaro defendeu também a liberação das armas de fogo para a população, tudo sob a justificativa de proteger a propriedade e a liberdade dos “cidadãos de bem”, isto é, de seus apoiadores, os quais, hoje, passados três anos das eleições, sabemos quem são. Somando tais manifestações às defesas do uso da violência pelas forças policiais, observa-se que Bolsonaro é um adepto da velha estratégia autoritária

de forjar o caos para governar pelo medo, através do Estado policial (PIOVEZANI; GENTILE, 2020, pp. 167 e ss.).

A aproximação das novas direitas com o projeto neoliberal também esteve presente no discurso, particularmente quando defendia a adoção de medidas de austeridade e a realização de “reformas estruturantes” para salvar a economia. Reformas estas que, com efeito, têm o propósito de reduzir direitos trabalhistas, previdenciários e assegurar a redução do estado de seguridade social. Sublinhada, assim, a defesa do ganho por seus próprios méritos, do estímulo à competição e à produtividade eficaz, mantras do neoliberalismo em seu estágio atual (Cf. LAZZARATO; 2011; 2017).

Dito Isso, é importante observar que, do mesmo modo como Benito Mussolini e muitos outros líderes fascistas e populistas de extrema direita, Bolsonaro chegou ao poder pela via democrática, isto é, pelas eleições diretas, com mais de 57 milhões de votos (aproximadamente 55% dos votos válidos), dado que indica que suas ideias essencialmente fascistas encontraram ressonância no seio social, demonstrando a dinâmica da intensificação dos fascismos no plano micropolítico e seus reflexos no plano macropolítico, nos moldes que detectaram Deleuze e Guattari. Cabe, então, problematizar, o modo como Bolsonaro conseguiu cooptar o caldo fascista e canalizá-lo em prol de sua ascensão política.

## **Algoritmos bolsonaristas e a propaganda fascista**

Para se compreender a escalada antidemocrática no contexto contemporâneo, é imprescindível observar que, após a Segunda Guerra Mundial, os axiomas do fascismo – que a bem da verdade congrega elementos de uma forma de vida, conforme analisamos no tópico inicial – seguiram sendo revisados, rearranjados e disseminados em diversos

países, ainda que no interior de grupos ou partidos políticos de pouca expressão. A maioria deles, inclusive, abandonou o termo “fascismo” e as simbologias que representaram o fenômeno em seu formato histórico (cf. VERCELLI, 2018). Entretanto, depois do maio de 1968, que produziu efeitos para além das fronteiras da França, essas organizações, que em seguida seriam denominadas de “novas direitas”, conseguiram imprimir uma nova roupagem nas ideias essencialmente fascistas e recolocá-las nas pautas de discussões públicas, adquirindo cada vez mais popularidade. Inquestionavelmente, a reprogramação das direitas foi uma resposta às demandas da esquerda que ganharam força em todo o mundo, sobretudo pela luta de movimentos estudantis, de trabalhadores, antirracistas, de minorias (Cf. FERNANDES GARCIA; RODRIGUES JIMÉNEZ, 2001; LENCI, 2012; URBÁN CRESPO, 2015) e também ao desenvolvimento da globalização (EATWELL; GOODWIN, 2020).

No Brasil, que no final da década de 1960 era subjugado por uma ditadura civil-militar de extrema direita que neutralizou o frisson causado pelo movimento de maio de 68 em seu território com a edição do AI-5, uma dinâmica muito semelhante seria verificada de modo mais tardio. Depois de três décadas de democracia de governos eleitos que transitaram da centro-direita à esquerda, movimentos de extrema direita e grupos simpatizantes do autoritarismo de Estado (que haviam passado décadas sobrevivendo no ostracismo buscando revisar a história do passado ditatorial), voltaram a ser protagonistas no início do século XXI, após terem ajustado seus discursos e passado a defender os cânones neoliberais (CASIMIRO, 2018. pp. 457 e ss.).

As novas direitas não surgiram repentinamente ao comando de Donald Trump, Matteo Salvini ou Jair Bolsonaro. Apesar das inovações nas táticas e práticas, como o uso das

tecnologias algorítmicas, tais personagens representam o auge de ideias que há muito tempo vinham sendo propagadas por movimentos bastante heterogêneos e sincréticos que se encarregaram de reciclar o ideário fascista. No Brasil, do mesmo modo como ocorreu em outros países, os agitadores fascistas foram engenhosos em identificar as estratégias e expedientes mais eficientes para recrutar adeptos, especialmente nas classes médias e pobres. Já não é mais novidade afirmar o peso da propaganda difundida na *web* como recurso fundamental para a popularização das demandas das novas direitas (Cf. AMARAL, 2020; TIBURI, 2020).

Vale frisar, contudo, que o teor da propaganda utilizada pelas novas direitas ao longo das últimas décadas não deixou de ter alguma similaridade (Cf. CASADIO, 2013). As teorias da conspiração e as notícias falsas destinadas a adulterar a realidade que hoje circulam nas redes sociais e aplicativos antecedem a internet. O que há de inédito agora é que as mensagens nacionalistas, racistas, xenófobas e machistas, além da camuflagem retórica, vêm sendo disseminadas em alta velocidade e em uma gigantesca quantidade, tendo seu potencial de criar vínculos e coesão entre os adeptos das ideias antidemocráticas exacerbado pelas tecnologias que operam através de modulação psicológica (Cf. AMBRÓS GARCIA, 2018; BARBOSA, 2019; DAL LAGO, 2017; PINHEIRO-MACHADO, FREIXO, 2019).

Como se sabe hoje, pode-se identificar algum protagonismo de agitador fascista no uso das tecnologias algorítmicas de modo sistematizado, estratégico e em grande escala em figuras como Steve Bannon. Lançando mão do *know-how* da Cambridge Analytica (na época, umas das maiores empresas de comunicação estratégica baseada em *Big Data*) para angariar dados disponíveis nas redes sociais, e contando com o suporte de *hackers e gamers*, ele alavancou

a disseminação de uma grande quantidade de informação baseadas em teorias da conspiração e *fake news*. O detalhe medular na estratégia de Bannon é que o escrutínio dos dados acessados na internet possibilitou que tal conteúdo fosse direcionado às pessoas que tinham apreço pelas ideias antidemocráticas e aos inconformados com as situações política, social e econômica, de modo a propor a interação e o engajamento na sua “causa”. Foi assim que Bannon fomentou um cenário propício à difusão de ideias tipicamente fascistas e de discursos de ódio (cf. DA EMPOLI, 2020).

As tecnologias algorítmicas – que atualmente configuraram um dos principais espaços para a formação da opinião pública (CRISTANTE, 2020, pp. 197 e ss.), portanto, desempenham um papel fundamental para a ascensão do fascismo, porque permitem às novas direitas intervirem no campo social por meio da modulação psicológica, intensificando sofrimentos e ressentimentos para posterior cooptação política. Na prática, essas tecnologias possibilitaram que políticos vinculados a estes grupos gerassem experiências políticas e, ao mesmo tempo, o engajamento do público-alvo, conseguindo obter e analisar dados suficientes para direcionar suas propagandas e promover a modulação psicológica (DA EMPOLI, 2020, pp. 147 e ss.).

Interessa, neste contexto, problematizar o modo como Bolsonaro se beneficiou dessas tecnologias. Utilizando as mesmas estratégias de ação do movimento de Bannon, por aqui o bolsonarismo fez uso das novíssimas tecnologias para disseminar teorias da conspiração e *fake news* que alertavam, por exemplo, sobre a existência de uma suposta ameaça comunista que seria concretizada com a instauração de uma ditadura bolivariana planejada pelo Foro de São Paulo em conluio com os médicos cubanos do Programa Mais Médicos, sobre o vínculo dos partidos de esquerdas com organizações

criminosas e a distribuição de um “kit gay” que teria sido distribuído pelos governos “esquerdistas” para influenciar a orientação sexual das crianças, viabilizando, assim, a modulação psicológica de uma grande parcela da população. Com o cenário da suposta polarização montado basicamente via redes sociais, os fascismos foram postos em circulação.

Vale destacar que, mesmo tendo sido empreendida basicamente via redes sociais digitais, a estratégia que levou Bolsonaro à Presidência enquadra-se perfeitamente nas perspectivas de estudos realizados sobre a “personalidade autoritária” e a “propaganda fascista” por Theodor W. Adorno na metade do século XX (Cf. ADORNO, 2015a, 2015b, 2019). Na obra “Estudos sobre a personalidade autoritária”, por exemplo, que trouxe a lume dados da pesquisa que realizou nos Estados Unidos, através da aplicação de questionários e de entrevistas apoiadas nas técnicas da psicologia clínica freudiana, tendo como objetivo identificar angústias, desejos e projeções de cunho ideológico provocadas socialmente, o professor alemão identificou o que ele denominou de potencialidade fascista, isto é, a suscetibilidade de certos indivíduos à propaganda antidemocrática (cf. ADORNO, 2019).

Em síntese, Adorno (2019) concluiu que algumas pessoas demonstravam uma estrutura psicológica baseada em convicções políticas, econômicas e sociais que consubstanciavam um padrão de pensamento amplo e coerente, “como se fundidas por uma mentalidade ou por um espírito”, que as tornavam suscetíveis à propaganda antidemocrática. Sua investigação ainda possibilitou a identificação de algumas variáveis daquele modelo de personalidade, como a adesão aos valores centrais da classe média, a submissão acrítica ao autoritarismo, a tendência a agredir e rejeitar pessoas que pensassem diferente, a superstição, a extrema preocupação com a dimensão hierárquica de dominação-submissão, a

hostilidade generalizada, desprezo pelo humano, a projetividade apoiada em teorias da conspiração e a preocupação exagerada com as questões sexuais (ADORNO, 2019, pp. 71 e ss.).

Constata-se, mesmo que de modo breve, que as análises descritas por teóricos tão distantes conceitualmente – como no caso da “personalidade autoritária” em Adorno, os rasgos do *Ur-Fascismo* mencionadas por Eco, assim como a versão do fascismo produzido socialmente através da exploração dos medos, inseguranças e ressentimentos, elaborada por Deleuze e Guattari –, muitas dessas variáveis presentes no Bolsonarismo, corrobora a hipótese de que o Brasil hoje não enfrenta simplesmente um momento de polarização política, mas de adesão flagrante ao fascismo.

Os estudos de Adorno sobre a propaganda fascista também são relevantes porque descortinam detalhes nevrálgicos de seu funcionamento, os quais revelam os “princípios ativos” desse tipo de propaganda. Não se deve olvidar que, a difusão de conteúdo antidemocrático pelas novas direitas no Brasil pelo bolsonarismo segue a mesma senda (AMARAL, 2020, pp. 384 e ss.). Nada de incoerente nisso, pois tal expediente surgiu justamente nas guerras do início deste século, para “vender” ideias políticas, depois de tais técnicas de propaganda terem sido utilizadas para fomentar o consumo. Curiosamente, no contexto atual, grupos exercem com maestria as tecnologias algorítmicas que antes vinham sendo utilizadas para maximizar a comunicação entre as empresas e os consumidores, para disseminar sua propaganda antidemocrática. Não se deve olvidar que, nesse contexto das novas tecnologias, o “cidadão fascista” está sempre de prontidão, em “estado de propaganda”, sempre disponível para compartilhar freneticamente a propaganda de sua ideologia (TIBURI, 2020, pp. 96-97).

Neste ponto, com base nas lições de Adorno, é importante esclarecer que, diversamente da propaganda direcionada ao fomento do consumo, cujos principais objetivos são promover a venda de bens e/ou a adoção de determinados tipos de comportamentos, a propaganda fascista não tem como desígnio convencer as pessoas a se tornarem fascistas, mas gerar e/ou reforçar o vínculo entre o agitador ou líderes de movimentos dessa natureza e os indivíduos que partilham previamente de valores antidemocráticos ou mantêm certo apreço por eles. Nesse diapasão, a propaganda fascista apresenta um enorme poder de influência particularmente porque atua fazendo com que seu público-alvo confirme suas visões de mundo e sintam prazer com isso (ADORNO, 2015a, pp. 144-152).

Adorno (2015a, p. 140) revelou especificidades essenciais da propaganda fascista, elucidando que opera estimulando e manipulando através da emissão de mensagens reacionárias que objetivam forjar uma realidade inexistente e que exaltam a substituição dos fins pelos meios, a ação pela ação, sempre com uma linguagem que faz com que ela pareça personalizada – particularidades que facilitam ainda mais o fortalecimento dos vínculos entre os potencialmente fascistas e os agitadores. Destaque ainda que o processo de manipulação (que com o surgimento das tecnologias algorítmicas foi substituído por um processo de modulação) não configura nenhum tipo de hipnose ou outro meio “irracional”. Em que pese as deturpações, a propaganda fascista sempre é planejada, sistematizada e assimilada de forma consciente (ADORNO, 2015a, pp. 142-143).

Neste ponto, com base nos apontamentos de Adorno, conclui-se que a propaganda fascista é um poderoso instrumento por ser capaz de mobilizar afetos ao ponto de desencadear processos psicológicos regressivos, como o desejo pelo fascismo, mormente porque tem como “público-alvo”

sujeitos com uma estrutura psicológica compatível às ideias transmitidas. Constata-se, também, que tal estrutura, assim como os estados mentais nela intrincados, tem suas raízes nos sofrimentos produzidos pelo modo de vida capitalista, os quais são intensificados pela cultura de massa padronizada (ADORNO, 2015b, pp. 184-185).

No caso brasileiro é possível inferir que, se Bolsonaro conseguiu adquirir popularidade e chegar ao poder, é porque grande parte da sociedade desejou (e ainda deseja de certa forma) a nebulosa fascista, desdobramento que se tornou possível, em grande medida, em decorrência dos afetos negativos provocados pelas dissonâncias políticas, sociais e econômicas intrínsecas ao neoliberalismo (ROVANI DE LINHARES; GERVASONI, 2022), e dos recalques dos privilegiados frente aos avanços políticos das minorias nas últimas décadas (AMARAL, 2020, pp. 380 e ss.) Todavia, aliado a isto especialmente está a força da eficiência da propaganda fascista disseminada na *web*, que viabilizou a coesão de diversos grupos de extrema direita, conservadores e liberais em torno de ideias antidemocráticas do “Mito”, processo que deu ensejo ao fenômeno que veio a ser denominado de bolsonarismo.

É imperioso consignar que o aprimoramento das tecnologias algorítmicas de processamento em *big data* e das plataformas digitais – através da “engenharia” envolvida na criação do design e da arquitetura dos dispositivos tornados cada vez mais funcionais, atraentes e eficientes na captação de dados e rastros dos usuários (SADIN, p. 204 e ss.) – viabilizou o conhecimento modulado de cada um, tornando possível o preciso direcionamento de informações de conteúdo *ad hoc* conforme preferências e expectativas (Cf. CRISTANTE, pp. 195 e ss.; MAYER-SCHONBERGER, 2013, n.p.).

Todavia, é necessário reconhecer que o sucesso da propaganda antidemocrática produzida pelas tecnologias algorítmicas não é assegurado exclusivamente pelo seu direcionamento aos indivíduos inclinados a assimilá-la. O imenso potencial ostentado por elas reside no fato de atuarem mediante a modulação psicológica dos usuários, processo diverso da velha manipulação operada pelos veículos de informação tradicionais objetos da análise de Adorno. Resumidamente, pode-se afirmar que a modulação funciona pelo enquadramento emocional, por inúmeros artifícios que instigam o usuário a participar ativamente desse processo. Enquanto a velha manipulação midiática atuava mascarando a realidade para todos, isto é, supervalorizando alguns fatos ou versões em detrimento de outros, a modulação algorítmica afeta os indivíduos em suas particularidades, atendendo expectativas, estimulando emoções e comportamentos (BENITEZ-EYZAGUIRRE, 2020, pp. 338 e ss; CASSINO, 2018, pp. 15-17-18 e pp. 23-25). É por isso que essa técnica tende a potencializar ainda mais a propaganda fascista.

Por fim, é oportuno assinalar que as tecnologias algorítmicas também facilitam o deslocamento dos usuários para “bolhas” que, na verdade, não são simplesmente espaços virtuais que reúnem pessoas que compartilham das mesmas preferências, mas “amostras, filtradas e organizadas” (SILVEIRA, 2018, pp. 38-39). Essas “bolhas” também favorecem o processo de modulação, pois, além de centralizar o direcionamento de propaganda para grupos de pessoas predispostas a assimilá-la, oferecem inúmeros espaços e possibilidades para interação e engajamento. Ademais, estimulam a sensação de que toda essa interatividade é espontânea, de que todos estão exercendo suas individualidades e liberdades, mesmo que, paradoxalmente, trate-se de um ambiente restrito controlado pelos algoritmos (MACHADO, 2018. p. 58). No que diz

respeito à propaganda fascista, há de se considerar que essas “bolhas” propiciam aos sujeitos (de algum modo que potencialmente reproduzem espectros do fascismo) confirmarem suas concepções e sentirem grande prazer com isso, ao ponto de permanecerem conectados por mais tempo, interagindo e compartilhando conteúdos produzidos pelos agitadores. Inequivocamente, as “bolhas” enrobustecem a performance da propaganda fascista nos moldes detalhados por Adorno.

O poderio da propaganda fascista difundida por meio das tecnologias algorítmicas é evidente na trajetória do bolsonarismo. Talvez, se Bolsonaro tivesse dependido exclusivamente dos veículos de comunicação tradicionais, não teria logrado êxito em cooptar um caldo fascistóide resultante da campanha golpista de 2016 e ascendido politicamente de forma tão rápida. Obviamente, Bolsonaro era um político de carreira, ocupante medíocre de cargos legislativos por quase três décadas. Contudo, tornou-se opção para os inconformados, ressentidos e potencialmente fascistas porque também soube usar as tecnologias algorítmicas para disseminar suas ideias e imagem, ao ponto de se tornar o líder de um movimento que, até bem pouco tempo antes da campanha eleitoral de 2018, não contava com um representante capaz de fazer convergir todas as demandas antidemocráticas que ganharam força à época, e de cristalizá-las nas urnas.

## Considerações finais

Diante do levantado, pode-se concluir que o fascismo não deve ser restrito a uma dimensão histórica, isto é, como um regime instaurado no contexto italiano por Benito Mussolini no início do século XX, pois configura uma forma de vida baseada no desejo de destruição do outro e de tudo o que a ele se opõe, desejo este que é produzido socialmente

por meio do agenciamento dos afetos ensejados pelas dissonâncias do capitalismo.

Em apertadíssima síntese, pode-se afirmar que o desejo de fascismo é mobilizado mediante a exploração dos sofrimentos (medos, angústias, inseguranças, etc.) e ressentimentos típicos do modo de vida que caracteriza as democracias liberais capitalistas, cristalizando-se no nacionalismo exacerbado, na xenofobia, no racismo, no machismo, no ódio à política e ao dissenso – sentimentos que poderão ser menos ou mais intensos e poderão extrapolar o plano micropolítico e predominar no plano macropolítico, ou seja, no âmbito político-governamental.

Tal dinâmica evidencia-se no Brasil atual. Em um momento marcado por graves dissonâncias políticas, econômicas e sociais, bem como por problemas históricos que foram agravados pela consolidação do projeto neoliberal, grande parte da sociedade brasileira desejou e optou pela via autoritária proposta pela extrema direita. Nessa esteira, infere-se que o bolsonarismo, movimento que tem como líder o maior expoente da extrema direita latino-americana, por sua origem e características discursivas, ostenta fortes traços fascistas.

Por fim, mesmo não tendo a pretensão de concluir de modo determinista – até mesmo porque muitos pormenores acerca do bolsonarismo e sua relação com os dispositivos online ainda deverão ser descortinados nos próximos anos, pode-se arrematar que Bolsonaro tornou-se o líder desse movimento que acabou sendo denominado de “bolsonarismo” e conseguiu chegar à Presidência em grande medida porque conseguiu instrumentalizar os sofrimentos e ressentimentos de grande parte da sociedade brasileira através da disseminação de sua propaganda via internet, fazendo uso, sobretudo, das tecnologias algorítmicas. Tais constatações são de

evidente preocupação e demandam atenção na medida em que os problemas provocados pelo neoliberalismo tendem a se agravar e as tecnologias algorítmicas a se aprofundar (com poucas chances de controle sobre o seu conteúdo), indicando que esta condição de um fascismo nacional não será interrompida facilmente.

## Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. Antissemitismo e propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor. Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015a.

ADORNO, Theodor. Estudos sobre a personalidade autoritária. Traduzido por Virgínia Helena Ferreira da Costa, Francisco Lopes Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2019

ADORNO, Theodor. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor. Ensaios sobre a psicologia social e psicanálise. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015b.

AMARAL, Augusto Jobim do. Política da Criminologia. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020.

AMBRÓS GARCIA, Marc. Fake News: La verdad de las noticias falsas. Barcelona: Plataforma Actual, 2018.

BARBOSA, Mariana. Pós-Verdade e Fake News. Reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BENÍTEZ-EYZAGUIRRE, Lúcia. Aspectos éticos del uso de algoritmos en el acceso a la información e impactos en la ciudadanía y la política. In: SABARIEGO, Jesús; AMARAL,

Augusto Jobim do; SALLES, Eduardo Baldissera Carvalho (Orgs.). *Algoritarismos*. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2020.

BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália Fascista*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: Desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. In: *Linguagem - Estudos e Pesquisas*, Vol. 15, n. 01, p. 171-182, jan/jun 2011. UFG/ Campus Catalão - Doi: 10.5216/lep.v15i1.25149

BRUM, Eliane. *Brasil: Construtor de ruínas. Um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

CASADIO, Massimiliano Capra. *Storia della Nuova Destra. La rivoluzione metapolítica della Francia All'Italia (1974-2000)*. Bologna: Clueb, 2013.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. *A Nova Direita. Aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

CASSINO, João Francisco. *Modulação deleuzeana: Modulação algorítmica e manipulação midiática*. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *A sociedade do controle. Manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo: Hedra, 2018.

CRISTANTE, Stefano. *Sobre la transformación de la opinión pública en la era de internet*. In: SABARIEGO, Jesús; AMARAL, Augusto Jobim do; SALLES, Eduardo Baldissera Carvalho (Orgs.). *Algoritarismos*. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2020.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos. Como as fakenews, as teorias da conspiração e os algoritmos estão*

sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2020.

DAL LAGO, Alessandro. Populismo digitale. La crisi, larete e lanuova destra. Milano: Cortina Raffaello, 2017.

DE FELICE, Renzo. Le interpretazioni del Fascismo. 10. ed. Bari: Laterza, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3. 2. Ed. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia 1. 2. Ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

EATWELL, roger; GOODWIN Matthew. Nacional-Populismo: A revolta contra a democracia liberal. Tradução de Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ECO, Umberto. Il Fascismo eterno. Milano: La nave di Teseo. 2017.

FERNANDES GARCIA, Antônio; RODRIGUES JIMÉNEZ, José Luis. Fascismo, neofascismo y extrema derecha. Madrid: Arco Libros, 2001.

FOUCAULT, Michel. Introduction to the nonfascist life. Preface. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Anti-Edipus: capitalism and schizophrenia. Translated from the French by Robert Huxley, Mark Seem and Helen R. Lane: Mineapolis: University of Minnesota Press, 1983.

GENTILE, Emilio; DE FELICE, Renzo. A Itália de Mussolini e a origem do Fascismo. Tradução de Fátima Conceição Murad. São Paulo: Ícone, 1988.

LAZZARATO, Maurizio. O governo das desigualdades. Crítica da insegurança neoliberal. Tradução de Renato Abramowicz Santos. São Carlos: EDUSCar, 2011.

LAZZARATO, Maurizio. O governo do homem endividado, Tradução de Daniel P. P. da Costa. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LENCI, Mario. A destra, oltre la destra. La cultura política del neofascismo italiano (1945-1995). Pisa: Pisa University Press, 2012.

MACHADO, Débora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A sociedade do controle. Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018.

MANN, Michael. Fascistas. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARCUSE, Herbert. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: Tecnologia, Guerra e Fascismo. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: UNESP, 1999a.

MARCUSE, Herbert. Estado e indivíduo sob o Nacional Socialismo. In: Tecnologia, Guerra e Fascismo. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: UNESP, 1999b.

MARIÁTEGUI, José Carlos. As origens do Fascismo. Tradução de Luiz Bernardo Pericá. São Paulo: Alameda, 2010.

MAYER-SCHONBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. Big Data: A Revolution that will transform how we live, work, and think. Eamon Dolan: Boston; Houghton Mifflin Harcourt: New York, 2013.

MELLO, Patrícia Campos. A máquina do ódio. Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MILZA, Pierre; BERSTEIN, Serge. *Storia del Fascismo. Da Piazza San Sepolcro a Piazzale Loreto*. 2. ed. Milano: BUR, 2009.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita. Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ORLANDI, Eni R. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Pontes, 1988.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (Orgs.). *Brasil em transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emílio. *A linguagem fascista*. São Paulo: Hedra, 2020.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa do Fascismo*. Tradução de J. Silva Dias. Porto: Escorpião, 1974.

ROSA, Pablo Ornelas. *Fascismo tropical: Uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras*. Vitória: Milfontes, 2019.

ROUVROY, Antoinette; BERNIS, Thomas. *Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação?* *Revista EcoPós*, Rio de Janeiro, v. 18, n 2, p. 36-56. 2015.

ROVANI DE LINHARES, R; GERVASONI, T. A. (2022). *Neoliberalismo e austeridade: investigando padrões de*

“Reações de Mercado” com relação ao trâmite da EC 95/2016. *Revista Brasileira De Estudos Políticos*, 125. <https://doi.org/10.9732/2022.V125.901>

SADIN, Éric. *La vie algorithmique. Critique de la raison numérique*. Paris: Éditions L’Echappée, 2015.

SILVEIRA, Jorge Amadeu. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *A sociedade do controle. Manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo: Hedra, 2018.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo. A política do “nós” e “eles”*. Tradução de Bruno Alexander. Porto Alegre: LP&M, 2018.

TARQUINI, Alessandra. *Storia della cultura fascista*. 2. ed. Bologna: Mulino, 2016.

TIBURI, Márcia. Turbofascismo: Fascismo na Era Digital e o caso brasileiro. In: SABARIEGO, Jesús; AMARAL, Augusto Jobim do; SALLES, Eduardo Baldissera Carvalho (Orgs.). *Algoritarismos*. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2020.

URBÁN CRESPO, Miguel. *El viejo fascismo y la nueva derecha radical*. Barcelona: Editorial Sylone 4 Iberia, 2015.

VERCELLI, Claudio. *Neofascismi*. Torino: Edizioni del Capricorno, 2018.

ZUNINO, Pier Giorgio. *L’ideologia del Fascismo*. Miti, Credenze, Valori. Bologna: Il Mulino, 2013.

---

*Recebido em: 16/03/2022*  
*Aprovado em: 24/07/2023*

**Augusto Jobim do Amaral**

*E-mail:*

**Felipe Lazzari da Silveira**

*E-mail: felipe\_lsilveira@hotmail.com*